

Caminhografia e escrita-coletiva: decolonizar experiências na cidade

Walkgraphy and Collective Writing: Decolonizing Experiences in the City

Caminografía y escritura colectiva: experiencias descolonizadoras en la ciudad

Eduardo Rocha

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Taís Beltrame dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO

Caminhografia é caminhada+cartografia: mapeando corpos, políticas e limites urbanos. A escrita-coletiva amplia perspectivas e vozes na experiência decolonial na cidade. O texto explora métodos como a prancheta, o anonimato, as narrativas coletivas e a leitura em voz alta, desenvolvidos pelo grupo Cidade+Contemporaneidade desde 2019. Caminhografia e escrita-coletiva reivindicam a cidade como espaço de coletividade, acolhendo identidades, sentimentos, intuição e conexão com a natureza.

Palavras-chave: caminhografia urbana, cartografias, escrita-coletiva, metodologia decolonial

Trabalho submetido: 30/11/2024
Aprovado: 17/3/2025

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-Non Commercial-No Derivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0) <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>
© 2025 Eduardo Rocha, Taís Beltrame dos Santos

ABSTRACT

Walkgraphy is walking+cartography: mapping bodies, policies and urban limits. Collective writing expands perspectives and voices in the decolonial experience in the city. The text explores methods such as the clipboard, the anonymity, the collective narratives, and the reading aloud, developed by the group Cidade+Contemporaneidade since 2019. Walkgraphy and collective writing claim the city as a space of collectivity, welcoming identities, feelings, intuition, and connection with nature.

Keywords: urban walkgraphy, cartographies, collective writing, decolonial methodology

RESUMEN

Caminografía es caminar+cartografía, mapear cuerpos, políticas y límites urbanos. La escritura colectiva amplía perspectivas y voces en la experiencia decolonial en la ciudad. El texto explora métodos como el portapapeles, el anonimato, las narrativas colectivas y la lectura en voz alta, desarrollados por el grupo Cidade+Contemporaneidade desde 2019. La caminografía y la escritura colectiva reivindican la ciudad como un espacio de colectividad, acogiendo identidades, sentimientos, intuición y conexión con la naturaleza.

Palabras clave: caminografía urbana, cartografías, escritura colectiva, metodología descolonial

Eduardo Rocha é Doutor em Arquitetura, Mestre em Educação, arquiteto e urbanista. É Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas.

<https://orcid.org/0000-0001-5446-9515> | eduardo.rocha@ufpel.edu.br

Taís Beltrame dos Santos é Mestre em Arquitetura e Urbanismo, arquiteta e urbanista. É doutoranda em Arquitetura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<https://orcid.org/0000-0003-2529-6170> | tais.beltrame@gmail.com

A caminhografia

Caminhografia é a ação de caminhar mais cartografar. Caminhar como prática social, ética e estética que permite a percepção, a leitura e a escrita das coexistências e incoerências que compõem a vida em sociedade. Uma forma de deslocamento em que o corpo se expõe, querendo interagir com a vida, com o tempo e com as contradições arquitetônicas, políticas e geográficas presentes em nosso território. A caminhada como tática de alteridade que quer entender a heterogeneidade e expor-se aos acontecimentos inesperados, subvertendo as lógicas teóricas de compreensão e pronúncia da vida.

Essa prática ecoa reflexões como as de Paulo Bruscky, artista pernambucano pioneiro na arte postal e em intervenções urbanas nos anos 1970, que utilizava caminhadas para criar *poemas-processo* e ações efêmeras nas ruas do Recife, questionando o cotidiano da cidade sob a ditadura militar (MAMAM, 2005). Da mesma forma, Arthur Omar, em *Antropologia da Face Gloriosa* (1970), transformou caminhadas por espaços marginalizados do Rio de Janeiro em registros fílmicos que desvelam tensões sociais. Tais referências ampliam o entendimento da caminhografia como prática estética e decolonial, vinculando-a a uma tradição brasileira de crítica espacial.

Cartografar para registrar essa experiência ativa¹. Cartografar para decolonizar² o ensino na universidade e o planejamento da cidade colonizados. Caminhar para criar relações a partir de mapas abertos, conectáveis e em constante operação³. A caminhografia urbana surge como prática corpórea e do registro inscrito⁴ da experiência urbana na contemporaneidade, na possibilidade de habitar um mundo complexo e dinâmico e na evidente urgência de mapeá-lo e desconstruí-lo. Inscrever-se na cidade é deixar-se atravessar por seus acontecimentos, jogar com suas ruas, com seus usos, com suas sedimentações, com seu clima e com seus habitantes, e escrever.

1 A experiência é proposta por Paulo Freire (2005) como um processo de interação com o mundo, de reflexão sobre essa interação e de construção de significados a partir dela. Ela depende do engajamento ativo com o meio e visa à emancipação dos participantes. Segundo Freire, a experiência é fundamental para a educação.

2 Optamos, no texto, por utilizar decolonial, como o prefixo "de-" e não "des-", corroborando com o pensamento de Catharine Walsh (2013), que entende que o des-colonial pode convocar uma armadilha de compreensão, como se fosse possível desfazer ou reverter o colonial, enquanto sabemos que não existe estado nulo de colonialidade, mas sim posturas, posicionamentos, horizontes e projetos de resistência, transgressão e criação. Ainda assim, o termo descolonial é mantido quando citamos diretamente Walter Mignolo, que o utiliza com a adição do "s".

3 Embora nos posicionamos enquanto decoloniais, a ideia de caminhografia urbana é criada como conceito no processo de pós-doutorado do professor Eduardo Rocha na Universidad Roma Tre, sob orientação de Francesco Careri, a partir das pesquisas cartográficas Deleuze-Guattariana desenvolvidas no Brasil, tudo em movimento de idas e vindas, Brasil-Itália-França-Brasil, hoje encontrando-se em um desprendimento "do não mais colonizado". Assim, nos compreendemos enquanto mestiços (Mignolo, 2008), encontrando nosso lugar na produção do conhecimento territorializado, transversivo e pluriversal, que parte de uma postura epistemológica da diferença, mas busca ampliá-la, explorá-la e por vezes contradizê-la. Enquanto grupo de pesquisa, somos majoritariamente brancas, mulheres do sul do Brasil, nascidas, criadas e produtoras de uma cena que quer decolonializar-se e descentralizar-se das proposições metropolitanas e globalizantes.

A ideia de caminhografar vem sendo construída pelo grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade nas muitas trajetórias de pesquisa, ensino e extensão⁵. Engendrada no sul do Brasil, da América do Sul, busca desconstruir para além da colonialidade “ocidental, patriarcal, colonial e capitalista” (Quijano, 2005), tensionando as colonizações das capitais e das metrópoles sobre os interiores, e do conhecimento dos grandes centros acadêmicos que silenciam as perspectivas advindas dos confins de um mesmo Brasil. A prática contribui com a produção de um imaginário de cidade não idealizado onde as hierarquias e práticas de subalternização, traço do modo de produção capitalista moderno, são desveladas, mostrando suas incoerências e marginalizações.

Ao analisar a produção e a contestação das estruturas de poder nos ambientes urbanos, bem como a forma que as comunidades LGBTQIAP+ participam e constroem espaços de pertencimento, a socióloga argentina María Lugones (1990) valoriza vozes diversas e intersecções nessas escritas e leituras do território. Reconhece a importância de ampliar a compreensão e a representação de experiências marginalizadas, incentivando uma abordagem inclusiva que combata as complexidades e interações entre diferentes sistemas de opressão, buscando construir uma visão mais abrangente e democrática das narrativas e práticas.

A escrita-coletiva é uma ferramenta para compartilhar e comunicar as vivências em grupo, permitindo a expressão de perspectivas e vozes múltiplas no mapeamento da experiência decolonial na cidade. O texto aborda artifícios relacionados à escrita-coletiva durante e após a caminhografia, como o uso do método da prancheta, a ausência de autoria atribuída, a produção de narrativas coletivas e a leitura em voz alta, e os impulsos, potências e desejos expressados neste procedimento. Compreendemos a caminhografia e a escrita-coletiva como formas de reivindicar a cidade em uma aliança coletiva, onde as diversas identidades, sentimentos, sentidos, intuição e conexão com a natureza tornam-se possíveis e sonháveis.

4 Inscrita: escrita dentro (in), incisão, inserção, escrita em profundidade. Inscritos no lixo é um blog destinado a divulgar ensaios, artigos, poesia, vídeos, arte, crônicas relacionadas à temática do lixo desde o aspecto existencial dos catadores, recicladores, galpões de reciclagem, carrinheiros, moradores de rua... In: Fuão, Fernando. Inscritos no Lixo (blog). 2018. Disponível em: <http://inscritosnolixo.blogspot.com/>

5 Mais sobre o conceito de caminhografia urbana, nossas experiências e criações pode ser acessado em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>

O mapa e a escrita-coletiva

A escrita-coletiva enquanto mapa desestabiliza a noção fixa da representação. Compreende-se o mapa como um registro da experiência, capaz de anunciar questões e provocar interpretações a partir da produção das subjetividades⁶ e, conseqüentemente, de territórios. O mapa, nesse sentido, pode abrigar as diversas camadas que são sobrepostas durante a caminhografia atenta pela cidade: os cheiros, o clima, as indagações, os pensamentos, os atravessamentos, o relevo... anunciando possibilidades de constituição e de intervenção na e da cidade que tocam o material e o imaterial. O mapa caminhográfico acolhe tudo o que interfere. Assim, escrever um mapa traz pulsões revolucionárias que, mesmo quando coletivas, são íntimas. Procura desafiar as estruturas coloniais internalizadas e reivindicar as subjetividades como processo de libertação e construção de identidades autênticas e independentes, no sentido proposto por Frantz Fanon (1968).

6 . A produção de subjetividade, de acordo com Suely Rolnik (2018), refere-se aos processos pelos quais os indivíduos constroem suas identidades, afetos, desejos e modos de existência em relação ao contexto social, político e cultural em que estão inseridos. Ela explora as dinâmicas em que a subjetividade é moldada, influenciada e transformada por fatores sociais, históricos e coletivos.

Essa perspectiva dialoga com o Tropicalismo, movimento brasileiro dos anos 1960 que mesclava colaboração, antropofagia cultural e crítica à hierarquia artística. Assim como em *manifestações coletivas* de Lygia Clark (e.g., *Baba Antropofágica*, 1973), a escrita-coletiva valoriza a participação e a indeterminação, desafiando estruturas coloniais tanto na produção de conhecimento quanto na criação artística.

Inspirada em abordagens pedagógicas decoloniais, como as de Catherine Walsh (2017), Paulo Freire (2003) e bell hooks (2013), a escrita-coletiva, junto à caminhografia, parte do diálogo e da troca de ideias como fundamentos para a construção conjunta do conhecimento. No entanto, longe de ser um processo harmonioso, essa prática está marcada por dissensos e contradições, inerentes à coexistência de subjetividades plurais. Como aponta Chantal Mouffe (2011), o conflito é constitutivo do político, e os coletivos — sejam artísticos, pedagógicos ou sociais — são espaços onde hierarquias, silenciamentos e disputas de poder se manifestam,

exigindo negociação constante. Na caminhografia, por exemplo, o ato de mapear coletivamente revela não apenas a diversidade de perspectivas, mas também tensões entre narrativas hegemônicas e marginalizadas, como evidenciado no projeto *Mapas Colaborativos* do Instituto Pólis (2017), que documentou conflitos entre moradores e gestores públicos em áreas periféricas de São Paulo ao mapear demandas por infraestrutura e direitos urbanos (Instituto Pólis, 2017). Assim, o interculturalismo⁷ aqui não se reduz à mera celebração da diferença, mas envolve um *choque de mundos* (Rivera Cusicanqui, 2010), onde a emancipação só é possível através do reconhecimento crítico das assimetrias e da luta por espaços de fala equitativos.

7 O interculturalismo, neste contexto, é entendido como um processo conflitivo, seguindo a perspectiva de Walsh (2017) e Rivera Cusicanqui (2010), que destacam a necessidade de enfrentar as hierarquias coloniais nas dinâmicas de diálogo.

Essa abordagem questiona hierarquias de conhecimento e promove uma análise crítica das relações de poder presentes nas narrativas sociais. Ao construir mapas-escrita coletivos, surgem narrativas mais inclusivas, porém marcadas por tensões e negociações entre perspectivas hegemônicas e marginalizadas. Assim, contribui-se para a decolonização do imaginário coletivo, desafiando visões dominantes e integrando experiências silenciadas pelas dinâmicas coloniais.

Por que escrever a experiência?

Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia (Anzaldúa, 2000, p. 230).

Propondo a escrita como uma ferramenta de enfrentamento, Glória Anzaldúa, escritora chicana, negra e lésbica, destaca a importância das relações significativas tecidas neste ato, tanto para

a constituição de si como dos outros. Nesse sentido, a escrita deve buscar o particular na busca por elucidar um momento histórico e político específico, que diga sobre os sujeitos, mas também sobre o território em que operam. “Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor” (Anzaldúa, 2000, p. 205). A gramática, a estrutura e a própria determinação das palavras podem ser ultrapassadas. Escreve-se para criar novos conceitos, visando à emergência de uma experiência local, ainda não significada, que busca em si mesma a significação através da linguagem.

Na caminhografia, não se escreve, ao menos em um primeiro momento, a partir de autores acadêmicos ou literários – muitas vezes reprodutores da colonialidade⁸. Mas, sim, a partir da vivência na própria cidade⁹. Portanto, escreve-se uma experiência coletiva, integrada de cidade, onde não há separação entre teoria e prática, pesquisa e vida, política e identidade. Escreve-se com consciência polivalente e a partir de uma prática transversiva que ocupa uma posição de deslocamento dos processos colonizadores (Anzaldúa, 1987).

Compreende-se a possibilidade de narrar os múltiplos territórios que compõem uma cidade – ou, ainda, as múltiplas camadas que produzem as cidades –, em especial, as cidades pequenas e médias, como o caso de Pelotas, de Santa Maria e de outras cidades gaúchas (brasileiras), uruguaias e argentinas, em um movimento destoante da colonialidade das metrópoles e das capitais¹⁰. “O desejo do pensar do interior muitas vezes é o pensar da capital, já é ser capital; quer agregar-se a ele, somar-se, uniformizar-se, diluir-se, tornar-se um anônimo na capital” (Fuão, 2022). É tarefa daqueles que pensam, planejam e projetam as cidades enfrentar essa lógica e romper com a capital-centralizadora-razão. Encontrar e emancipar formas revolucionárias, selvagens e não domesticadas é um desafio, sobretudo no ambiente universitário. Mas caminhar pelas ruas tem gerado a desestabilização da ordem e a destituição

8 Coelho, M. (2020). *Cartografias Dissidentes: Conflitos Urbanos e Narrativas Periféricas*. Editora Olhares.

9 O termo “colonialidade” emergiu como um conceito de destaque nos estudos pós-coloniais e na teoria crítica, com especial referência ao trabalho do sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005). Quijano argumenta que a colonialidade é um fenômeno que vai além do período histórico do colonialismo e não desaparece simplesmente com a independência ou decolonização dos países colonizados. Ele destaca a importância das estruturas de poder, dominação e exploração estabelecidas durante o colonialismo, que continuam a moldar as relações sociais, econômicas e culturais até os dias atuais. A colonialidade é uma forma de perpetuação do colonialismo evidente nas hierarquias raciais, na exploração econômica e na marginalização de culturas e conhecimentos não ocidentais, entre outras dinâmicas opressivas. A compreensão da colonialidade convida à reflexão sobre as profundas e duradouras consequências do colonialismo e à busca de caminhos para superar e decolonizar essas estruturas opressivas.

10 “A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincta dos fundamentos genúinos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento” (Mignolo, 2008, p. 290).

das certezas, o que gera o enfrentamento dos processos de embranquecimento e de uniformização que são cotidianamente reproduzidos academicamente pelos corpos majoritariamente brancos e elitizados que acessam a universidade pública, pouco atualizando as perspectivas de pensamento e de projeto para a cidade.

As escritas caminhográficas: experiências pregressas

A escrita-coletiva vem sendo utilizada nas disciplinas e nas oficinas de Caminhografia Urbana desde o princípio da prática. Nas muitas caminhadas cartografadas pelo grupo de pesquisa, a caminhografia e a escrita-coletiva permitiram a criação de diferentes textos. Por anunciar tudo o que já foi mencionado, essas caminhadas e escritas vêm acompanhando outros registros e dinâmicas incorporados à prática. Essas ações acontecem em ordens distintas e, por vezes, se sobrepõem ou são enlaçadas por outras ações.

Normalmente, a escrita acontece durante e depois da experiência *in loco*, onde tomam forma as ações de: caminhar e jogar o território; registrar individualmente a vivência e escrever/ler coletivamente a experiência... A mudança nas operações, no corpo que caminha (quem, onde, como, quanto... quando?) e no objetivo da caminhada alteram as criações e os desdobramentos do processo, criando pistas diversas a partir de diferentes tomadas para o planejamento das cidades (ou outros fins que se pretenda).

Caminhar expandindo o andar para uma prática de intervenção, como uma forma de habitar e compreender um território e a inserção desse corpo nesse território (Fig. 1). Caminhar para mapear: desenhar, fotografar, filmar, dialogar, escrever na relação entre espaço e corpo atento, registrando o que tenciona o pensamento. Caminhar em grupo para gerar assembleia e resistência. Para dialogar com as diferentes reivindicações que

a diferença produz; para mapear as possibilidades de um porvir democrático e gerar interferências e alianças, colocando o corpo à prova e desvelando as possibilidades da vivência na cidade em coletivo.



Fig. 1 - Caminhografia pelo bairro Porto de Pelotas com a Turma de Teoria I. (Fonte: dos autores, 2022).

Interagir com a cidade mexendo com seu significado, sua direção, sensação, interpretação e intenção. Podemos conversar com alguém que encontramos pelo caminho, expressar nossas ideias através de escritas urbanas, saborear algo, coletar objetos (Fig. 2), realizar pequenas intervenções urbanas, colar um adesivo, trocar a posição de algo, entre outras ações.

Essas ações reverberam práticas de artistas como Hélio Oiticica, cujos *Parangolés* (década de 1960) convidavam o público a caminhar e dançar em espaços urbanos, dissolvendo fronteiras entre arte e vida. Já Lygia Pape, em *Divisor* (1968), realizou intervenções coletivas no Rio de Janeiro, onde participantes compartilhavam um grande tecido enquanto caminhavam, criando uma metáfora de resistência

pergunta¹¹ permite uma cartografia em que a experiência é tida como temática central (o que é a experiência e o que faz parte dela é proposto por cada um).

Utilizando o *método da prancheta* que é passada de mão em mão, escreve-se sem atribuição de autoria, permitindo que o coletivo expresse e reitere os afetos que lhes foram apresentados durante a experiência. A não autoria das escritas, tem sido fator de incentivo àqueles que se retraem diante da folha em branco por medo. Os autores da escrita são todos aqueles que a escreveram e não existe um momento de revelação.

A escrita não tem tempo pré-definido; pode-se escrever por minutos contados ou rodar as pranchetas de acordo com as necessidades das caminhógrafas. Escreve-se o que vem à mente e passa-se a prancheta para o próximo. Em geral, o tempo prolongado de escrita permite a comparação entre o que já foi escrito e o que se escreverá, abrindo espaço para a insegurança. O tempo curto gera um texto com menos ordem e mais vibração. É um texto sem palavras medidas e com mais espontaneidade (Fig. 3). Quem propõe a escrita deve estar atento para que a dinâmica permita a escrita fluida, incentivando a sua aceleração ou desaceleração. Cada coletivo terá duração e condições únicas de produção da escrita-coletiva.

Se o grupo for pequeno, apenas uma prancheta será suficiente. O silêncio do grupo enquanto apenas uma pessoa escreve é também parte da prática, assim como a expectativa de espera. Essa tensão é disparadora de significações. Se o grupo for grande, a dinâmica pode acontecer com várias pranchetas circulando ao mesmo tempo e o resultado pode ser unido ao final, gerando uma só escrita. As escritas podem ser todas sobre a mesma temática "título" (e não pergunta) ou, dependendo do roteiro de pesquisa, abarcar diferentes questões. Os textos gerados, ao final, podem ser unidos e remontados, proporcionando leituras heterogêneas do território e, por consequência, uma remontagem de problemas e criações.

11 Todo povo colonizado toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será (Fanon, 2008, p. 34).

Você se sente pertencente à cidade? Eu não,
respondeu a mulher que comi stano - "Morei aqui
há 35 anos e não me sinto parte do lugar."

Jem pessoas que parecem não pertencer, eu não,
quando não pertencei. parti! SOU SER PENSANTE,
CORPÓREO, MUTANTE, PRODUTO DO MEIO. EU PERTENÇO A
CIDADE, ASSIM COMO A CIDADE PERTENCE A MIM. CORPO
CALADO E MENTE INQUIETA. SERÁ QUE ESTOU PRESENTE
~~NO~~ NO PRESENTE? VEJO A CIDADE FRAGMENTADA.

A CIDADE DE QUEM? NESSE PERCURSO COM CERTeza A FAIXA
DO PEDESTRE NÃO O PERMITIA SEGURANÇA NEM
ESPACOS... O ENCLAUSTRAMENTO DO SER QUE
TRANSITA PERIFÉRICO A MAIORIA VIÁRIA, ÀS VEZES REFORÇADA
POR AMBIBRADOS, ALI LIMITAVA-SE PELA VELOCIDADE
E RITMO DOS CARROS QUE FAZIAM DAS PESSOAS
A PÉ INVISÍVEIS, era um constante estado de alerta,
o fluxo de peícules rápido, intenso, energético. A faísca centra
um pouco mais tranquila, colgado, cicloria, regulação.
O barulho era intenso, não havia sossego. Nos o comu-
nhade deveria seguir, olhar e escutar além dos limites
dos relíquios, o dia quente, muita sede e o amantiza
do local que vivemos nos encontramos, porém cada vez
mais distante.

Fig. 3 - Escrita-Coletiva parte da caminhografia pelo bairro Areal em Pelotas com a
Turma do PROGRAU/2019. (Fonte: acervo da pesquisa, 2019).

A escrita-coletiva pode ser feita:

1) Durante caminhadas: Caminhar, parar, escrever, caminhar. Pode-se parar várias vezes durante o percurso por tempos diferentes. Normalmente, essas caminhadas produzem mapas que enumeram os pormenores da caminhada e as características do trajeto. Os cinco sentidos são muito valorizados nessa narrativa. Diversas vezes, os acontecimentos são descritos tal qual ocorrem, apenas como dado, sem problematização ou crítica produzida a partir de sua operação no contexto.

2) Imediatamente após as caminhadas: escreve-se o mapa da experiência como uma conclusão parcial da ação. O todo costuma aparecer na caminhada enquanto percurso. Nessa escrita, o senso de localização importa. Podem-se reconhecer os principais acontecimentos materiais e imateriais do percurso e formular uma imagem do território.

3) Dias após as caminhadas: escreve-se como a experiência a partir de um olhar mais significado-colonizado. O que eu vi e senti é misturado, gerando um mapa sobre a experiência já subjetivada e comprometida com quem eu sou e o que eu penso no mundo. O mapa perde alguns atrativos qualitativos e a espontaneidade, mas pode ganhar uma espessura política e identitária alargada. Os acontecimentos geram desdobramentos e pensamentos que precisaram de decantação para aparecer e aqui, pelo tempo dilatado entre caminhada e escrita, aparecem.

Os textos podem ser escritos também após um *calendário de caminhografias* como uma conclusão geral das movimentações. Quando assim, costumam revelar os percursos mais e menos desagradáveis, pondo as experiências dissonantes em corroboração. Vale salientar que a série de caminhadas pode objetivar cartografar um grande território extensivamente – cada dia caminhografo uma parte do todo; ou intensivamente – caminhografo um território



Fig. 4 - Leitura da escrita-coletiva parte da caminhografia pelo bairro Porto de Pelotas com a Turma do PROGRAU/2019. (Fonte: dos autores, 2019).

Após a escrita-coletiva, o texto é lido em voz alta, o que incendeia a sua potência (Fig. 4). *Ler em voz alta* é pronunciar as vozes conjuntas, remixadas, em prol de um discurso transversivo. Especialmente em contextos de línguas não dominantes ou minoritárias, é uma forma política de afirmar essas vozes e desafiar a hegemonia do conhecimento. Ler em voz alta é o momento de compartilhamento e de afirmação da subjetividade coletiva. É quando muitos dão-se conta do que viveram e percebem o quanto isso destoa ou corrobora com o processo das outras caminhógrafas. Exercitar a escuta é também exercício de atenção, sempre pertinente para as caminhógrafas.

O que descobrimos a partir da escrita-coletiva

Durante a prática de escrita e a leitura coletiva, é possível criar e expressar subjetividades a partir da experiência do corpo na cidade. Esse encontro entre o organismo e o ambiente questiona ideias preestabelecidas, abrindo caminho para novas formas de organizar a cidade, as pessoas, as coisas e a vida urbana. Nesse processo, as interações coletivas e a troca de conhecimentos proporcionam um terreno fértil para a transformação social, desafiando normas e construindo narrativas mais inclusivas e empoderadoras.

1) O *inconsciente* individual-coletivo é afetado pela atividade da escrita-coletiva. Ao envolver-se no processo de escrita-coletiva, os participantes podem explorar e expressar de forma conjunta ideias, emoções, memórias, sonhos e narrativas presentes em seus inconscientes individuais e coletivos.

A escrita-coletiva cria um espaço para a partilha de experiências, perspectivas e conhecimentos, permitindo que os participantes se conectem em um nível mais profundo. Essa colaboração e interação podem abrir portas para a emergência de conteúdos como desejos, medos, traumas e aspirações. Também pode proporcionar maior consciência e compreensão dos padrões culturais, sociais e políticos que influenciam o inconsciente coletivo, atingindo os domínios psíquicos e emocionais. Pela escrita-coletiva, é possível desafiar as narrativas dominantes, decolonizando o inconsciente e trazendo à tona aspectos ocultos ou reprimidos nos âmbitos individual e coletivo. Suely Rolnik (2018) enfatiza a importância do desvendamento de subjetividades decolonizadas como forma de dismantelar as estruturas colonizadoras que moldam nossa subjetividade.

Essas emoções, que podem se manifestar de diversas formas e gerar subjetividades através de empatia, inspiração, alegria, tristeza, raiva, reflexão, entre outras, não podem ser completamente explicadas, mas tornam-se elementos potentes de mobilização e transformação social e política. É como se, de certa forma, a escrita-coletiva colocasse em assembleia as reivindicações pormenorizadas, transformando-as em

pautas do grupo todo. Em certos momentos, esse poder é capaz de fazer o grupo chorar, gargalhar ou abraçar-se no decorrer da leitura do texto produzido. Durante algumas experiências, percebemos a intensidade e o poder do inconsciente emocional em ação (Fig. 5).

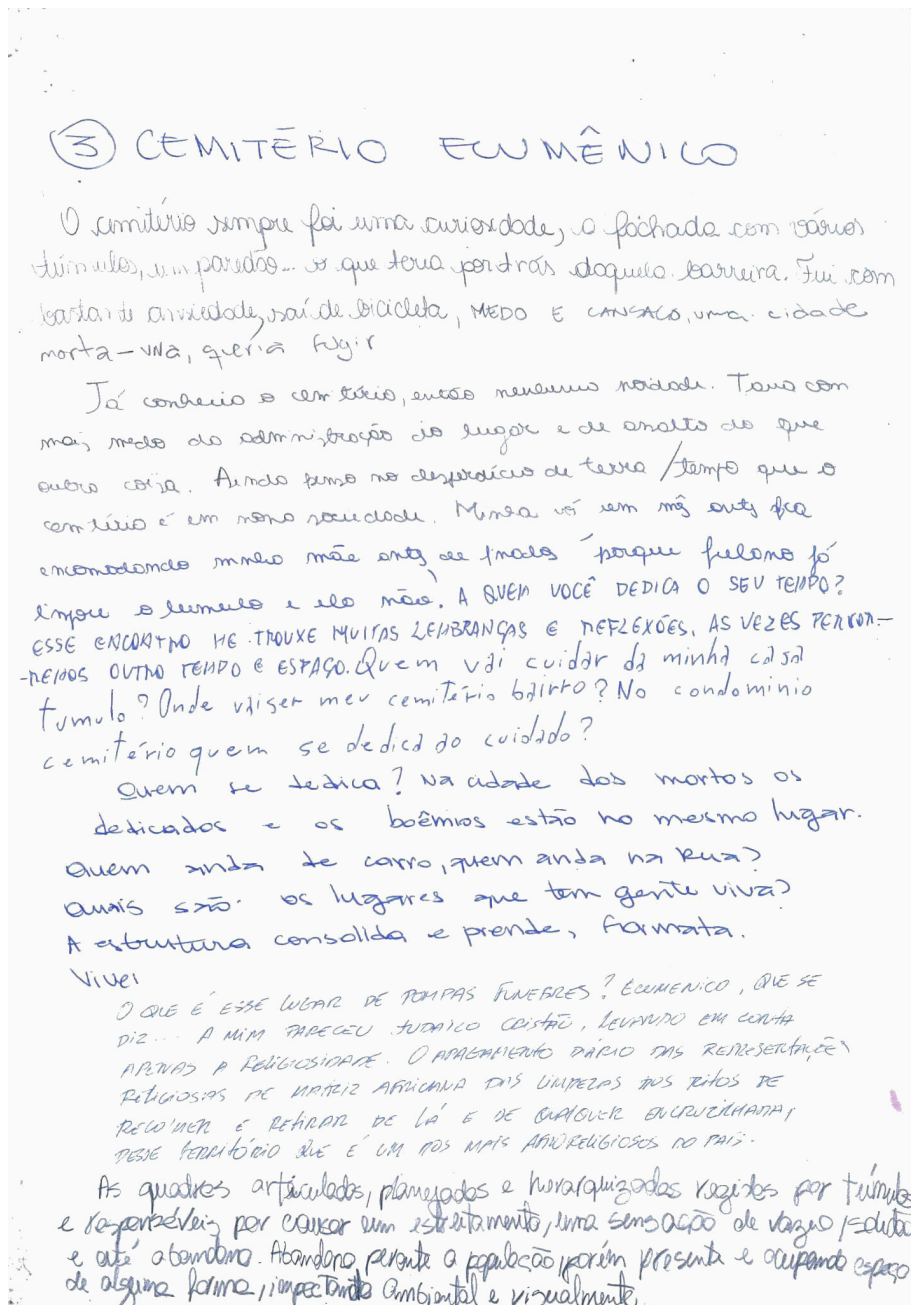


Fig. 5 - Trecho de escrita-coletiva parte da caminhografia pela zona central de Pelotas com a Turma do PROGRAU/2019. (Fonte: dos autores, 2019).

2) As *sensações* e os *sentidos* são aflorados nas escritas-coletivas, bem como as relações espaço-temporais do clima e das temporalidades percebidas. Em certas ocasiões, vemo-nos impulsionados ou exaustos pela caminhada, com nossos corpos marcados por sensações intensificadas por todos os sentidos, proporcionando uma narrativa consciente corporalmente.

A visão nos permite observar os ambientes ao redor, as ruas, as calçadas, as praças, os detalhes arquitetônicos, as pessoas e os objetos que experimentamos. A audição percebe e escreve uma variedade de sons, como o canto dos pássaros, o ruído do trânsito, o vento nas árvores ou o som dos nossos passos. Pelo tato, a brisa ou o vento, a chuva e o sol moldam a temperatura sensível do dia. Caminhamos com os pés – e os sapatos – e podemos sentir o chão e as texturas das superfícies que tocamos. O olfato lê o cheiro bom do café ou do bolo assando, o aroma das flores, o cheiro da chuva molhando a terra, o lixo no terreno baldio, o odor forte do peixe nas peixarias, o cheiro de esgoto nos canais abertos e nas vielas... sendo capaz de ativar memórias e de realizar associações. O paladar pode ser proporcionado por alimentos e bebidas: frutas silvestres encontradas nas praças e ruas, a água que matou a sede naquela torneira achada em um jardim, a cerveja gelada no meio do percurso etc.

Gloria Anzaldúa (2000) enfatiza a importância de reconectar a terra às sensações do corpo na contemporaneidade, para decolonizar a mente e o espírito. Sentir essas sensações, escrever, lê-las e respeitá-las. Caminhografar, às vezes descansar, parar, sentar ou dormir o corpo biológico, respeitando os limites e "cansações" que a atividade física do caminhar acentua. Caminhografar para ascender o corpo e escrever de corpo atento, ofegante, suado, presente (Fig. 6).

...a bruta no Congo aos apuros do 97. 150
Caminhamos até nos perdermos. Chegamos em lugar onde as
casas alternavam entre casas de madeira e alvenaria, entra-
mos em um beco que a moça nos fez voltar.

Onde tinha final, fomos impedidos de passar, mas logo
vimos que era uma estrada sem fim, bem equipada e sinali-
zada, num vazio urbano. Barreiras na busca por uma
saída. O vazio não é vazio.

CAMINHOS QUE LEVAM AO DESTINO, CAMINHOS QUE TE LEVAM A
LUGAR NENHUM, CAMINHOS PROIBIDOS, EXPANSIVOS E COMPRIMIDOS, ATRAVÉS
DEUS SE CONFORMAM AS NOVAS VIDAS HUMANAS, SE ORGANIZAM
QUASE NOS CONTORNOS DOS CAMINHOS, CAMINHOS SÃO EIXOS
PRINCIPAIS DA CIDADE! A borda do espaço construído
aborda a expansão da cidade.

SAIMOS DA AVENIDA, UM BARRIO ESTRANHO COM CASAS ESQUISITAS

UMA CASA COM A INCLINAÇÃO DO TELHADO TÃO ALTA QUE PARECIA
UMA GREJA. CASAS COM MATERIAIS QUE NÃO COMBINAM, CASAS
RACHADAS, TELHADOS ESQUISITOS. A MORADORA SEM NOÇÃO NÃO
NOS DEIXOU ATRAVESSAR SEU TERRENO PARA CHEGAR AO
VAZIO URBANO. AQUI, UM NOVO AGLOMERADO DE CASAS

A SURTIR ALGUMAS PLANTAS NEM PARECEM ESTAR

CRESCENDO, E TUDO ESPERA O MOMENTO CERTO DE "SE
DESENVOLVER". Preenchendo os espaços na busca por
algum vazio. A infraestrutura aborda as bordas.

Caminhamos por lugares com limites
definidos no chão, becos sem saída,
recalculamos a rota, refizemos os caminhos
o espaço construído nos impõe os seus limites.

Fig. 6 - Trecho de escrita-coletiva parte da caminhografia pela zona Moacyr/Vazio em Pelotas com a Turma do PROGRAU/2022. (Fonte: dos autores, 2022).

3) *A florestania* nas cidades. Percebe-se, na produção da escrita-coletiva, uma busca pela naturalidade da vida, do ambiente natural em detrimento do artificial-cidade, da ruralidade pelo urbanizado.

Nas escritas, as sensações de tranquilidade, conforto térmico e sonoro e paz normalmente são vinculadas à presença da natureza em diversas proporções. Uma orla inteira ou as pequenas presenças, no capim que cresce em uma calçada ou nas plantas que teimam em crescer nas arquiteturas abandonadas. Krenak (2022), em aula para arquitetos e urbanistas¹², diz que perceber a florestania¹³ nas cidades implica em reconhecer a natureza como parte intrínseca de nossas vidas e buscar formas de viver e sonhar em harmonia com ela dentro do contexto urbano, reconhecendo que somos também rio, campo, mata, monte, floresta¹⁴. Essa consciência pode levar a práticas mais sustentáveis e à construção de cidades mais equilibradas e saudáveis, que respeitam e valorizam a interdependência entre seres humanos e natureza, constituindo um ambiente onde o inconsciente, o social e o ambiental estejam relacionados. O desejo de florestação aparece como desejo por mais espaços públicos, livres e/ou arborizados. Além disso, trechos de rios, águas e orlas costumam ser também revelados como espaços de tranquilidade e desaceleração nas escritas, o que reitera a importância de nos atentarmos à necessidade de habitarmos espaços menos concretos (Fig. 7).

12 Pode-se fazer perguntas, mas sugere-se que essas sejam sempre abertas e não restritivas. Em nossas caminhografias, percebemos que as perguntas não são boas e tendem a circunscrever limites à escrita-coletiva, gerando uma narrativa pouco flexível e repetitiva.

13 DAU PUC-Rio. (2022, agosto 19). *Aula inaugural 2022.2 com Ailton Krenak* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=4Sh8G-t6VGuE>

14 “No final dos anos 80, começo dos anos 90, o discurso da florestania foi alargando como uma afirmação de possibilidade de vida cidadã dentro da floresta. Esse termo nasceu do movimento social com Chico Mendes, com a Aliança dos Povos da Floresta que a gente integrou junto com os indígenas, com todo mundo que estava na defesa da floresta”, explica Krenak (Cólón, 2022).

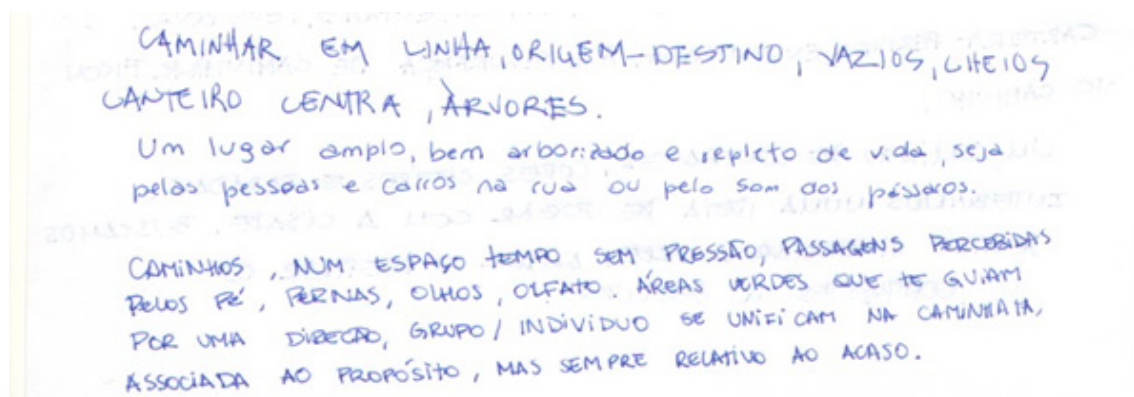


Fig. 7 - Trecho de escrita-coletiva parte da caminhografia pela zona Catedral/Cerqui-nha em Pelotas com a Turma do PROGRAU/2022. (Fonte: dos autores, 2022).

4) O *minorizado* e *maldito* ganha voz nas escritas-coletivas. Uma outra compreensão das coisas, daquilo que não tem explicação, mas é vivido e apagado. O maldito, aquele que não é dito!

São descritas outras representações não hegemônicas, como o pixo e as escritas urbanas, os restos, os moradores e animais de rua, as práticas de sobrevivência nas ruas – camelôs, ambulantes, traficantes, guardadores de carros, prostitutas, entre outros. Isso inclui os povos indígenas, afrodescendentes, LGBTQIAP+, pessoas com deficiência, migrantes, mulheres e muitos outros. Os outros.

Quando escrevemos sobre essas vidas marginalizadas e discriminadas, descrevemos estruturas sociais complexas, perpetuadas por desigualdades e injustiças. Escrevendo, dizemos sobre eles – e denunciemos e dialogamos sobre as estruturas coloniais, e enfrentamos os estereótipos, estigmas, racismos e outras formas de opressão (Fig. 8).

AS PESSOAS PARCEM ACEITAR E RECLUTAR (AO MESMO TEMPO) COM O LIXO NA RUA. UM ESPAÇO QUE DEMONSTRA CALMARIA E SOLITUDE

"Lixo e Luxo! Pessoas curiosas que nos perguntam quem somos. Muitas cores na Vila Operária.

Território e suas histórias, comuns na construção de características comunitárias por trás da ordenação da cidade formal, informal. A ordem depende dos ocupantes. Os vizinhos coexistem entre a casa velha e o barraco novo.

COMUNIDADE EXPRESSIVA ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO CIVIL; AS FORMAS VARIADAS, OS ÂNGULOS, AS CORES E MATERIAIS CONFORMAM UM NÚCLEO ÚNICO.

O que, na visita passada eram casas tombadas, aqui são barracos. Os marcos de portas e janelas altas, agora empenados, aqui são madeira quebrada e ferros degradados. Muitas anáforas contadas e espaços desconhecidos. O andar desconhecido trouxe descobertas infundadas.

Fig. 8 - Trecho de escrita-coletiva parte da caminhografia pela zona Doquinhas em Pelotas com a Turma do PROGRAU/2022. (Fonte: dos autores, 2022).

Aníbal Quijano (2005) e Maria Lugones (1990), ao estudarem os movimentos indígenas e feministas na América Latina, corroboram quando compreendem a possibilidade do diálogo para anulação e revolução desses estigmas. Também é possível que percebamos marginalizações geradas por conceitos que por nós são dados, como a ideia de centro. Nas experiências em Pelotas, o centro não é apenas o território da multidão, do comércio intensivo e do alto tráfego de veículos; ele coexiste com um centro periférico, bucólico, das trocas e da lentidão, que invade a zona do centro da cidade pelas noites e aos finais de semana.

5) A escrita-coletiva como *ato performático*, que vai além da produção textual. A performance como escrita-coletiva pode acarretar uma série de efeitos e consequências, criando um espaço de interação, colaboração e expressão conjunta em assembleia.

A reunião do grupo nas ruas passa por uma demanda corporal, "por um conjunto de vidas mais vivíveis" (Butler, 2018), que acontece quando em assembleia caminhamos e escrevemos. A performance, ainda que menor, de caminhar pela cidade para viver, sentir e cartografar abre um leque político que pode contribuir para a reivindicação do direito de existirmos enquanto corpos decolonizados. Segundo Butler (2018, p. 35), "a performatividade é um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos". Uma disputa que engloba direitos étnicos, raciais, sociais e também selvagens, de encontro à domesticação moderna-capitalista.

O ato performático da escrita e leitura coletiva pode incluir: conectividade e inclusão, a partir do senso de coletividade dos participantes em um processo onde vozes individuais criam um todo formado às vezes por ideias desconexas, mas que se conectam; grito na escrita, fortalecendo o senso de agência do individual para o coletivo, ampliando a capacidade de afetar o ambiente; transformação e desafio das normas, organizações, questionando ideias dominantes, oferecendo perspectivas e abrindo espaço para narrativas marginalizadas e silenciadas; permissão, na escrita, para o diálogo entre ideais, em um vai e vem de opiniões e atravessamentos inimagináveis,

ampliando-os ao conhecimento coletivo; e impacto e engajamento público porque permite que a ação de escrita seja realizada no espaço público, na rua, alcançando os passantes e os curiosos, viventes mais diversos da cidade (Fig. 9-10).

SER CENÁRIO OU NÃO, O ESPAÇO EXISTE E TRANSGREDI-LO
É UMA FORMA DE OCUPAR. SENTIR O VAZIO É UMA
OCUPAÇÃO.

Fig. 9 - Trecho de escrita-coletiva em caminhografia até o Parque Una em Pelotas com a Turma do PROGRAU/2019. (Fonte: dos autores, 2019).



Fig. 10 - Leitura da escrita-coletiva/Piquenique parte da caminhografia pela zona Colina do Sol/Treptow em Pelotas com a Turma do PROGRAU/2022. (Fonte: dos autores, 2022).

Considerações finais

A escrita-coletiva permite a comunicação de muitos mundos e compreensões de cidade, principalmente enquanto procedimento da caminhografia urbana. Escrever e pensar a cidade a partir de múltiplos territórios não centrais ou capitais permite o descobrimento de vivências outras e de outros inconscientes: mais alienadas, mais potentes, resistentes, indiferentes, racializadas, emotivas, caladas, revolucionárias, autogestionadas, que destacam a importância da enunciação coletiva.

A caminhografia e a escrita-coletiva transcendem os limites da universidade, encontrando uma potência de relevância em projetos de extensão e podendo desdobrar-se em cartografias sociais em cidades médias e pequenas. Nessas iniciativas, a escrita é uma ferramenta poderosa para engajar a comunidade e evidenciar as vivências e perspectivas locais que considerem os territórios subjetivos e modos de vida. A própria leitura da escrita pode ser ampliada e debatida pela comunidade, despertando possibilidades de existência na cidade e com a natureza. Através da participação ativa de diferentes atores sociais, como moradores, ativistas e pesquisadores, ela torna-se um meio para explorar questões complexas, contribuindo para a organização ecológica, política e social.

Quando utilizada fora da universidade, com grupos não acadêmicos, a escrita-coletiva pode despertar inimagináveis desdobramentos, contribuindo de fato para a decolonização do pensamento hermético e idealizado. Tem-se a consciência de que tão mais decolonial será o texto quanto for o grupo. A caminhografia gerará um mapa mais versátil se for composta por um grupo múltiplo, transversal e plural: crianças, adolescentes, idosos, populações tradicionais e indígenas, pessoas de diversas etnias, crenças e sexualidades, estudantes, artistas, médicos, secretários, garis, vendedores, professoras... Devemos sempre estar atentos ao que menoriza o menor e o minorizado, e o que isso

pode denunciar para nós, para compreendermos o lugar de ação e de emancipação que cada um pode ativar.

A escrita-coletiva, em grupos, pode gerar dinâmicas de escuta mútua, mas não garante equidade. Ao compartilhar sentimentos, experiências e medos como questões comuns, expõe-se a complexidade de negociar vozes divergentes em um espaço sujeito a disputas de poder. A ausência de autoria individual não elimina hierarquias: corpos marginalizados podem ter suas identidades apagadas ou silenciadas na suposta neutralidade do coletivo. Há risco de que a própria prática reproduza exclusões, especialmente quando não há mecanismos críticos para confrontar assimetrias já existentes. A atenção às relações de poder é indispensável.

Ao integrar referências de artistas brasileiros que transformam o caminhar em ato estético e político, reforça-se o potencial decolonial da caminhografia. Obras como *Caminhando* (1964) de Lygia Clark — onde o ato de cortar uma fita Moebius durante uma caminhada simboliza a descoberta contínua — ou as intervenções urbanas de Grupo Viajo Sem Passaporte (década de 1980) em São Paulo evidenciam como a arte pode ser um veículo para reivindicar cidades mais justas. Esses diálogos ampliam o escopo da pesquisa, situando-a em uma linhagem crítica da arte engajada latino-americana.

Por fim, compreende-se que cartografar é sempre uma tática de controle e uma simplificação do mundo e da experiência. A caminhografia tem se dedicado a ampliar as formas de apresentação dos temas e conflitos dos corpos na cidade, mas seus resultados ainda são limitados. Muito porque, como uma prática dissidente, a todo tempo, encontra limites já compactuados que se esforçam em perpetuar-se. Caminhografamos para caminhar e escrever, dissuadir, mas estamos verdadeiramente dispostos a isso? Caminhografar é sempre estar na beira, no incerto. É querer habitar o verde, mas andar pelo asfalto. É uma vontade de performance e uma experimentação de multidão. Dói, pede curiosidade, imaginação, coragem. Dá trabalho. Leva tempo.

A cidade é sempre colonizada por alguém ou alguma coisa, desde a sua formação. Ela é a própria centrífuga da capitalização. Decolonizar a cidade parece "insonhável", sobretudo o modelo de cidade moderna que nos é apresentado. É preciso escrever-sonhar-sentir-gritar-florestar-denunciar-ocupar-coletivamente a cidade, uma de-cidade, para que possamos sonhar novas formas de viver que compreendam que somos muitos e todos partes da terra.

Agradecimentos

A todos os pesquisadores, estudantes, bolsistas e comunidades que participaram das caminhografias entre 2011 e 2023.

Aos financiamentos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS (FAPERGS) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a pesquisa "Caminhografias Urbanas nos Confins da America do Sul". Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/confins/>

Referências

Amaral, A. (2003). *Arte Para Quê? A Preocupação Social na Arte Brasileira 1930-1970*. Studio Nobel.

Anzaldúa, G. (1987). *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. Aunt Lute Books.

Anzaldúa, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo (É. de Marco, Trad.). *Revista Estudos Feministas*, 8(1), 229–236. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>

Bruscky, P. (2005). *Paulo Bruscky: Arte, Arquivo e Utopia*. Catálogo MAMAM, Recife.

Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia*. Civilização Brasileira.

Clark, L. (2014). *Lygia Clark: Da Obra ao Acontecimento*. Org. Cornelia Butler. UFRJ.

DAU PUC-Rio. (2022, agosto 19). *Aula inaugural 2022.2 com Ailton Krenak* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=4Sh8Gt6VGuE>

Fanon, F. (1968). *Os condenados da Terra*. Civilização Brasileira.

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. da Silveira, Trad.). EDUFBA.

Fuão, F. (2018). *Inscritos no Lixo* [Blog]. Recuperado de <http://inscritosnolixo.blogspot.com/>

Fuão, F. F. (2022). @ Capital. *Pixo: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, 6(20), 20–51. Verão. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/21992>

Freire, P. (2005). *Pedagogia do oprimido* (42. ed.). Paz e Terra.

hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Martins Fontes.

Instituto Pólis. (2017). *Mapas colaborativos: Conflitos urbanos e participação social em São Paulo*. Disponível em: <https://www.polis.org.br/publicacoes/mapas-colaborativos>

Lugones, M. G. (1990). Playfulness, 'world' traveling, and loving perception. In G. Anzaldúa (Ed.), *Making face, making soul/Haciendo caras: Creative and critical perspectives by women of color* (pp. 390–402). Aunt Lute Press.

Mignolo, W. D. (2008). Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. *Revista Gragoatá*, 22, 11–41, 1º sem. 2007. Traduzido por Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, 34, 287–324.

Mouffe, C. (2011). *On the political*. Routledge.

Oiticica, H. (1986). *Aspiro ao Grande Labirinto*. Org. Luciano Figueiredo. Rocco.

Pape, L. (2003). *Lygia Pape: Tecelares*. Org. Iole de Freitas. Funarte.

Pisar Suavemente na Terra. (2022). Direção e produção: Marcos Colon. Amazônia Latitude Films. (73 min). Estados Unidos/Brasil.

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In A. Quijano, *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas* (pp. 117–142). CLACSO.

Rivera Cusicanqui, S. (2010). *Ch'ixinakax utxiwa: Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Tinta Limón.

Rolnik, S. (2018). *Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. n-1 edições.

Walsh, C. (2017). *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir*. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala.